



O Presentismo como Lente Metodológica na Leitura da História da Cultura

Presentism as a Methodological Lens in Reading the History of Culture

Amauri Costa de Oliveira

Doutorando em Educação Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar o presentismo enquanto lente metodológica condicionadora da leitura da história, com especial atenção aos impactos dessa perspectiva no campo da história da cultura. Parte-se da hipótese de que o presentismo, ao privilegiar o tempo presente como eixo interpretativo dominante, promove um distanciamento epistemológico entre o observador e o objeto histórico, reconfigurando os modos tradicionais de compreensão do passado. Fundamentado em pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, o estudo dialoga com autores centrais da discussão contemporânea sobre regimes de historicidade, notadamente François Hartog, além de contribuições de Werberich, Carvalho, Mariutti, Ramalho, Romero e Vogt. Argumenta-se que o presentismo não implica a negação do passado, mas sua seleção funcional, na qual apenas os elementos historicamente úteis à legitimação do presente são mobilizados. Conclui-se que, na história da cultura, essa operação produz narrativas celebrativas, reduz conflitos históricos e transforma o passado em instrumento de validação simbólica das experiências culturais contemporâneas.

Palavras-chave: presentismo; história da cultura; regimes de historicidade; historiografia; temporalidade.

Abstract: This study aims to analyze presentism as a methodological lens conditioning historical interpretation, with particular emphasis on its effects within the field of cultural history. The central hypothesis is that presentism, by establishing the present as the dominant temporal axis, produces an epistemological distancing between the observer and the historical object, thereby reshaping traditional approaches to the past. Based on qualitative bibliographical research, the study engages with key authors in contemporary debates on regimes of historicity, especially François Hartog, alongside contributions from Werberich, Carvalho, Mariutti, Ramalho, Romero, and Vogt. The article argues that presentism does not negate the past, but selectively mobilizes it, incorporating only those elements that serve to legitimize present cultural configurations. It concludes that, within cultural history, presentism fosters celebratory narratives, suppresses historical ruptures, and transforms the past into a symbolic resource for contemporary cultural validation.

Keywords: presentism; cultural history; regimes of historicity; historiography; temporality.

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre o tempo constitui um dos fundamentos centrais da prática historiográfica. Tradicionalmente organizada a partir da articulação entre passado, presente e futuro, a escrita da história vem sendo tensionada, nas últimas décadas, por novas formas de experienciar a temporalidade, associadas às transformações culturais, políticas e sociais da modernidade tardia (Hartog, 1996; Mariutti, 2014).

Nesse contexto, o conceito de presentismo emerge como uma chave interpretativa fundamental para compreender os deslocamentos contemporâneos na relação com o passado. Os regimes de historicidade expressam as maneiras pelas quais as sociedades organizam sua experiência temporal, e o regime presentista caracteriza-se pela centralidade quase absoluta do presente como horizonte de sentido.

No campo da história da cultura, tais transformações assumem contornos particularmente sensíveis, uma vez que práticas culturais, memórias coletivas e narrativas identitárias passam a ser reinterpretadas à luz das demandas do presente (Carvalho, 2016). Este estudo propõe discutir o presentismo não apenas como fenômeno cultural, mas como método implícito de leitura histórica, capaz de distanciar o observador do objeto histórico e reorganizar os critérios de seleção, interpretação e legitimação do passado.

PRESENTISMO E REGIMES DE HISTORICIDADE

O conceito de presentismo está diretamente vinculado à noção de regimes de historicidade, desenvolvida por François Hartog. Diferentemente da ideia de época ou período histórico, o regime de historicidade refere-se às formas pelas quais as sociedades articulam passado, presente e futuro, conferindo sentidos específicos à experiência do tempo.

A construção do neologismo presentismo deu-se, de início, em relação à categoria de futurismo. Arriscar a denominação presentismo era primeiramente uma hipótese: nosso modo de articular passado, presente e futuro não teria algo de específico, hoje, que faria com que nosso presente diferisse de outros presentes do passado? (Hartog, 2014).

No regime presentista, o presente deixa de ser um ponto de passagem entre passado e futuro e passa a constituir-se como tempo dominante e autossuficiente. O passado é mobilizado seletivamente para justificar narrativas atuais, enquanto o futuro perde sua função teleológica e projetiva (Mariutti, 2019). Tal reorganização temporal impacta diretamente a escrita da história, sobretudo quando o passado deixa de ser compreendido em sua alteridade e passa a ser lido como simples antecedente explicativo do presente (Ramalho, 2014).

O PRESENTISMO COMO MÉTODO DE LEITURA HISTÓRICA

Enquanto método implícito de leitura da história, o presentismo opera por meio de um movimento paradoxal: ao mesmo tempo em que aproxima o passado do presente, afasta-o epistemologicamente. Esse distanciamento ocorre porque o passado deixa de ser analisado em sua complexidade histórica própria e passa a ser filtrado por categorias, valores e necessidades contemporâneas.

“O historiador corre sempre o risco de instrumentalizar o tempo, isto é, de reduzir o passado a um simples recurso explicativo do presente” (Hartog, 1996).

Conforme indicam Mariutti (2019) e Vogt (2016), o presentismo não elimina o passado, mas desconsidera relações consideradas desnecessárias, preservando apenas aquelas capazes de legitimar o presente. Tal procedimento reduz rupturas, silencia contradições e privilegia continuidades artificiais. O resultado é uma narrativa histórica coerente com o presente, porém empobrecida em termos de densidade crítica e historicidade.

HISTÓRIA DA CULTURA E NARRATIVAS CELEBRATIVAS DO PRESENTE

Na história da cultura, os efeitos do presentismo manifestam-se de forma particularmente intensa. Práticas culturais, patrimônios simbólicos, tradições e memórias passam a ser reorganizados segundo critérios de utilidade contemporânea, convertendo o passado em um repositório de validação simbólica.

Esse processo tende a produzir narrativas celebrativas, nas quais conflitos, disputas e rupturas históricas são atenuados ou apagados, dando lugar a trajetórias lineares e harmonizadas (Vogt, 2016). Como observa Werberich (2019), o presentismo compromete a capacidade de estranhamento do historiador diante do objeto cultural, reduzindo a análise crítica das dinâmicas históricas que constituem as práticas culturais.

DISTANCIAMENTO ENTRE OBSERVADOR E OBJETO HISTÓRICO

O distanciamento promovido pelo presentismo não decorre da ausência de interesse pelo passado, mas de sua instrumentalização. Ao adotar categorias exclusivamente presentes, o historiador corre o risco de projetar sentidos atuais sobre contextos históricos distintos, reduzindo a alteridade do objeto analisado (Ramalho, 2014).

Na história da cultura, esse processo resulta em leituras que naturalizam práticas contemporâneas, atribuindo-lhes uma continuidade histórica artificial. O passado deixa de ser um campo de tensões e passa a funcionar como instrumento legitimador, comprometendo a compreensão das transformações culturais em sua complexidade (Romero, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste estudo permite afirmar que o presentismo, enquanto lente metodológica, exerce profunda influência sobre a leitura da história

da cultura. Ao privilegiar o presente como eixo interpretativo dominante, essa perspectiva promove um distanciamento crítico entre o observador e o objeto histórico, reconfigurando narrativas, silenciando rupturas e produzindo histórias celebrativas.

Reconhecer os limites e os efeitos do presentismo não implica rejeitá-lo integralmente, mas compreendê-lo como fenômeno histórico e cultural que exige vigilância epistemológica. Para a história da cultura, o desafio consiste em manter a tensão produtiva entre presente e passado, preservando a alteridade histórica e evitando a redução do passado a mero espelho do agora. “Pensar o tempo histórico é parte da própria tarefa do historiador, que vive o tempo cotidiano, mas deve manter vigilância crítica sobre as formas pelas quais articula passado, presente e futuro” (Hartog, 1996).

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Bruno Peixoto. **Historiografia e filosofia da história na pesquisa histórica em psicologia**. Teoría y Crítica de la Psicología, v. 8, 2016.

DANTAS, Sandra Mara; FERREIRA, Valeska Oliveira. O tempo não para: presentismo e diferentes temporalidades no processo do envelhecimento. **Revista de História da UEG**, v. 9, n. 2, 2020.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**. Paris: Seuil, 1996.

MARIUTTI, Eduardo Barros. **Presentismo e crise da modernidade IV: regimes de historicidade**. Campinas: UNICAMP, 2019.

RAMALHO, Walderez Simões Costa. **O presentismo e a realidade brasileira em perspectiva**. História da Historiografia, v. 7, n. 14, 2014.

ROMERO, Mariza. Entrevista: François Hartog. **Revista Brasileira de História**, v. 35, n. 70, 2015.

VOGT, Débora Regina. **Do mundo das ideias à caverna: o conhecimento histórico na crise do presentismo**. Em Perspectiva, v. 2, n. 1, 2016.

WERBERICH, Matheus Diesel. **O dilema presentista**. Em Curso, v. 6, 2019.